

# BARÃO DE MELGAÇO: O PERSONAGEM, O PANTANAL E O MUNICÍPIO A PROPÓSITO DO TURISMO CULTURAL

Suíse Monteiro Leon Bordest  
Ubaldo Monteiro da Silva

## 1 - O contexto do tema

No Brasil, a maior parte dos *atrativos turísticos* está centralizada nos recursos naturais, enquanto os patrimônios culturais, sejam eles, objetos, artefatos e manifestações, têm sido pouco valorizados para essa finalidade, observam os estudiosos e educadores em diferentes regiões do país.

Referências feitas ao turismo no Pantanal Mato-Grossense mostram que os *bens patrimoniais*, vistos como atrativos históricos e culturais, têm merecido pouca atenção, ficando os mesmos relegados ao segundo plano.

A presença explícita da exuberante biodiversidade pantaneira, a pouca diversificação de uma oferta turística planejada e a falta de preparo da comunidade local para conciliar o tradicional e o novo parece serem alguns dos fatores que contribuem para essa situação.

Tratar de fenômenos sociais, patrimônio e turismo, historicamente contextualizados, é dar-lhes o ressignificado necessário para cumprir sua finalidade social, lembra Peña (2001) citando Camargo: *centros e*

*idades históricas, monumentos tombados, acervos de museus ou objetos isolados de excepcional importância, são reinventados para outras finalidades além daquelas a que se destinavam originariamente.*

Considerando a perspectiva de se intensificar o turismo alternativo (ecoturismo, turismo em espaço rural, turismo cultural) na região pantaneira, tomamos como exemplo ilustrativo, que poderá ser amadurecido no seio da comunidade, uma de suas referências históricas e geográficas: Augusto Leverger, o Barão de Melgaço. O referido personagem da história mato-grossense dá nome ao prédio que abriga o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT) e a academia Mato-Grossense de Letras - a Casa Barão de Melgaço.

Ao conduzimos o nosso olhar para *Barão de Melgaço*, queremos lembrar não apenas o personagem, mas também alguns topônimos dele derivados: o pantanal, o município e a cidade, conectados à idéia de bens patrimoniais (naturais e culturais), passíveis de serem vistos como atrativos para a prática turística pantaneira.

Será preciso algum tempo, debates e esforços, para que e com o uso da criatividade, um novo modo de fazer turismo no meio pantaneiro, se torne realidade.

No Brasil, o conceito de patrimônio cultural tem raízes no Decreto Lei n.5 de 30 de novembro de 1937, o qual diz que o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é constituído de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, seja por sua vinculação aos fatores memoráveis da História no Brasil, seja por seu excepcional valor arqueológico, etimológico, bibliográfico ou artístico.

*A melhor maneira de preservar é através da utilização e conservação,* lembra a Carta de Veneza (1964), ainda, considerada bastante atual.

Assim, concordando com Kother (2001) ao estabelecer relações entre o patrimônio histórico e potencial turístico, ressaltamos suas palavras: *nosso patrimônio deve ser preservado para que através dele seja mantida a memória coletiva dos povos e, usufruí-lo está intrínseco nesse processo.*

E, ainda, como lembra Barreto (2001), *o grande desafio é fazer com que o turismo esteja a serviço da memória coletiva, seja ela uma ferramenta para que os povos se identifiquem com seu passado e se fortaleçam na afirmação da sua identidade, mas construindo com a sociedade portadora desses anseios.*

Assim, pode-se partir do bem cultural de diferentes pontos, mas é considerando o turismo como um meio e a preservação um fim, que as chances de sucesso são maiores.

Apreendidas na espacialização geográfica, as breves descrições que seguem, sobre Barão de Melgaço, projetam nosso pensamento para um mundo de possibilidades no desenvolvimento turístico local e regional, ressaltando algumas contribuições de nossos pares do IHGMT, cujas preocupações com o futuro do pantanal, há muito se fazem presentes.

### 1.1- O personagem Barão de Melgaço

#### Quem foi o personagem Barão de Melgaço?

Conforme Monteiro da Silva (1999), citando Mendonça (1919), Augusto Leverger foi figura eminente na história naval brasileira e particularmente na História de Mato Grosso, terra que escolheu para residir e constituir família. O "Bretão Cuiabanizado" cognome atribuído por Virgílio Corrêa Filho a Augusto João Manuel Leverger, o Barão de Melgaço, nasceu em Saint Malô, na Bretanha, a 30 de janeiro de 1802. A trajetória dessa personalidade, da Europa para a América do Sul, é revestida de uma sequência de fatos que desembocaram na sua vinda para Mato Grosso. Quando eclodiu a Guerra do Paraguai, Augusto Leverger assumiu, voluntariamente, o comando de defesa da capital da província mato-grossense, posicionando-se nas Colinas de Melgaço acompanhado de voluntários que, como ele, temiam a chegada dos paraguaios ao rio Cuiabá acima. Esse ato de Leverger valeu-lhe a expressão de Taunay que avaliou essa operação de guerra como *antemural de Cuiabá e de todo o Brasil*. No fim da guerra, D. Pedro II outorgou-lhe o título de Barão de Melgaço, aos 63 anos de idade. Em 1843 casou-se, em Cuiabá, com Inês da Almeida Leite de que, segundo Antonio de Arruda, resultou numerosa prole, que se desdobrou em vários ramos- Alves Corrêa e Sá, Corrêa Cardoso, Prado e outros. Faleceu em 14 de janeiro de 1880, em Cuiabá aos 78 anos.

Considerado um dos homens mais cultos do século XIX, Augusto Leverger deixou, entre outras, inúmeras obras científicas para o estudo fluvial, especialmente dos rios de Mato Grosso, objetivando preparar sua navegabilidade.

### 1.2- O Pantanal de Barão de Melgaço

No contexto dos Pantanais Mato-Grossenses, o Pantanal de Barão de Melgaço apresenta, em linhas gerais, as mesmas peculiaridades geográficas e climáticas que caracterizam os ecossistemas pantaneiros,

que se projetam no centro do continente sul americano: terra plana com altitudes que não ultrapassam a 200m acima do nível do mar, declividade média inferior a 3cm por quilômetro. De dezembro a março concentram-se as chuvas, a vegetação ganha nova vida e os animais migram para as partes mais altas. Em abril e maio as chuvas são apenas esporádicas, mas o cenário é quase o mesmo, pois o nível das águas ainda é alto. Junho e julho são meses nos quais os efeitos da seca e da cheia são mais representativos para a concentração dos animais. Jacarés e pássaros são facilmente visíveis à beira dos corpos d'água, que permanecem isolados entre solos ressequidos. A seca vai de agosto a novembro, quando as espécies se reproduzem com mais facilidade, e quando a disputa pelo alimento também se acirra. Desse modo pode se dizer que os hábitos dos seres humanos e de outras formas de vida locais estão intimamente relacionados a dinâmica dos ecossistemas pantaneiros.

Como são as águas que determinam o ciclo e o ritmo no pantanal, os rios e conseqüentemente a pesca constituem também um grande atrativo para os turistas que se dirigem à região.

No Pantanal de Barão de Melgaço destacam-se 4 lagos ou baías: Chacororé é a maior delas e tem área superior a 68.400.000 metros quadrados; Recreio, Buriti e Siá Mariana com pouco mais de 17.000.000 de metros quadrados. "Os lagos do pantanal, são rasos, abertos e bastante turbulentos, o que contribui para a reciclagem de nutrientes e material em suspensão, resultando em alta taxa de produção primária de biomassa" afirmam Marins, Monteiro e Silva (1979), citados por Espirito Santo (1998).

Estas características ampliam o contexto da complexidade e fragilidade do ambiente pantaneiro e precisam ser lembrados para que se possa garantir a sua sobrevivência uma vez que nestas baías já vem se desenvolvendo o turismo de pesca e esportivo há mais de duas décadas.

Como diz Ab'Saber (2002): *a sobrevivência do Pantanal Mato-Grossense está condicionada ao bom gerenciamento da economia tradicional da região, sem sofrer desvios, em função da força de outros tipos de mercado, acreditamos que o turismo possa ser uma alternativa para atuar ao lado de sua tradicionalidade.*

Mas, se uma das alternativas para o desenvolvimento pantaneiro é o turismo pergunta-se: Quais tipos de turismo serão mais viáveis ao Pantanal?

### 1.3- O Município de Barão de Melgaço

Inserido no Pantanal Mato-Grossense, o Município de Barão de Melgaço posiciona-se estrategicamente abarcando terras do planalto e da depressão.

Facilitada pela situação de área de transição, a exposição de formações geológicas de diferentes origens contribui para a reconstituição do passado remoto desta região que ressalta planaltos, morrarias e planícies pantaneiras. Essas terras são cortadas por diversos rios da Bacia do Alto Paraguai. Periodicamente inundadas, abrigam importantes espécies de ecossistemas úmidos, sendo berço de diferentes espécies de peixes, pássaros, répteis e mamíferos. Esta diversidade de fauna e também de flora reunida neste município, é ainda pouco conhecida, e representa um patrimônio para a humanidade.

Marcas deixadas pelos seus habitantes ao longo dos tempos, inscrevem na paisagem a história da sua ocupação humana, onde os indígenas têm papel importante, além dos colonizadores portugueses.

Ainda que, muitos povos indígenas tenham sido dizimados, os melgacenses, em sua maioria descendem de índios negros e brancos, e se orgulham do personagem que deu nome ao Município, o francês Augusto Leverger.

No âmbito da economia muito da sua história está ligada a pecuária, a produção de açúcar e álcool, aos cultivos de subsistência, a pesca artesanal e mais recentemente ao turismo, que começa a se sustentar na região, com o surgimento de hotéis e pousadas e com crescente movimento de visitantes

Sendo o município a instância mais indicada para desenvolver políticas e sistemas administrativos em seus diferentes aspectos que permitem superar localmente as contradições da globalização, a gestão do turismo em escala municipal deverá percorrer caminhos que contemplem as horizontalidades (realidade local) e as verticalidades (escala global).

O município de Barão de Melgaço possui área de 11.612 quilômetros quadrados, sendo 97,5% em campos e matas inundáveis, e se originou no desmembramento do antigo Município de Santo Antonio do Rio Abaixo, atual Santo Antonio de Leverger. Foi elevado à categoria de município através da Lei n. 690 de 12 de dezembro de 1953. Localiza-se na parte sul do Estado de MT e limita-se: a nordeste e leste com o município de Santo Antônio de Leverger; a noroeste com N.S. do Livramento; a oeste com Poconé e ao sul com o município de Corumbá (MS).

A sede do Município de Barão de Melgaço, que também tem o mesmo nome, dista da capital mato-grossense perto de 140km, sendo em média, 70km de asfalto e 70km de estrada de chão. Pode-se chegar a ela através de rodovias (carro, ônibus), pelo rio (canoas, barcos, chatas) e por via aérea (pequenos aviões).

A cidade de Barão de Melgaço inscreve-se às margens do rio Cuiabá, tendo a sua volta toda riqueza da biodiversidade e da cultura do Pantanal destacando-se as baías de Chacororé e Siá Mariana. Próximo a Barão de Melgaço estão alguns vilarejos que merecem ser visitados entre eles, Mimoso, terra de Marechal Rondon, hoje abrigando a construção do Memorial Rondon.

## 2.0 - O patrimônio histórico e cultural de Barão de Melgaço

Longe de pretendermos esgotar o assunto, iniciamos uma reflexão sobre uma possível interação entre um mundo de possibilidades para o turismo com destaque para o patrimônio cultural, no âmbito do espaço histórico-geográfico da cidade de Barão de Melgaço.

### 2.1 - O centro urbano e os monumentos históricos e culturais

Como lembra Barreto (2001) "A História está inserida no patrimônio e o Patrimônio é o testemunho da História". Assim, uma rua, uma casa, um prédio não são puramente funcionais. Esses elementos urbanos abrigam a memória e as experiências humanas significativas, é a idéia do espaço como uma marca, como expressões de relações sociais.

É através dos monumentos, da arquitetura, bens móveis que podemos nos transplantar nos séculos, passando por épocas diferentes, onde os mais diversos personagens se apresentam falando de sua história.

Ao relacionarmos patrimônio e turismo no centro urbano de Barão de Melgaço, mencionamos aqui alguns de seus bens patrimoniais:

O *casario antigo*, as ruas e vielas - Contornando a margem do rio Cuiabá, com ampla visão para observar as embarcações, estão muitas das casas de Barão. Rememorando o passado colonial, ruas e vielas em paralelepípedos sobem paredões escarpados que expõem afloramentos quartzíticos.

O *monumento do fundador da cidade* - Também voltado para o rio está o monumento em homenagem ao almirante Augusto João Manuel Leverger, mais conhecido por Barão de Melgaço, cognome da cidade. Era ele, um exemplo de cultura, conforme diz Jucá (2002) e assim

descreve. "Nascido em Malô, Bretanha, na França, no dia 30/01/1802, chegou a Cuiabá no dia 23/11/1830, ainda muito jovem. Além de ser o maior estadista de Mato Grosso no Império, ele soube lutar com bravura tanto no Forte de Coimbra, como na Colina de Melgaço, não permitindo que o inimigo chegasse à capital da Província e ocupasse esta parte do território brasileiro. Faleceu em Cuiabá no dia 14/01/1880, consagrado como um grande exemplo de cultura. Na Casa Barão de Melgaço, onde este personagem viveu seus últimos dias, funcionam as duas mais antigas e importantes entidades culturais do Estado: a Academia Mato-grossense de letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso".

*A Igreja de N. S. das Dores* - padroeira da cidade, reúne para o ofício religioso e social pessoas da redondeza, principalmente nos dias da sua festa. No passado, as festas duravam até nove dias, atualmente são de três a quatro, quando reúnem-se o festeiro, devotos e visitantes. Também outros santos são homenageados, entre eles: S. Gonçalo, S. Pedro, S. João e N. Sa. Aparecida.

*O cais do porto* - lembra histórias do seu passado, quando o rio Cuiabá, afluente do Paraguai representava no contexto da bacia hidrográfica, importante meio de transporte local. No passado, quase tudo vinha de Corumbá conforme contam os antigos moradores. Até o início da década de 70, por aí passavam a cada 10 dias, navios da bacia do Prata, transportando cimento, farinha de mandioca, crina de animal couro vacum e mais tarde couro de jacaré. Essa movimentação econômica e cultural perdurou, com relativa assiduidade até 1930. *Depois, ficou a marca da destruição pela pesca predatória, dizem os moradores antigos.*

*Trincheira histórica* - O Morro de Chacororé lembra fatos ocorridos em uma trincheira histórica, reminiscência da Guerra do Paraguai. Ressalta-se que o episódio da defesa de Melgaço é amplamente descrita por historiadores do IHGMT, como Virgílio Correa Filho, Lenine de Campos Póvoas e Elizabeth Madureira Siqueira (2002), entre outros.

## 2.2 - Manifestações culturais melgacenses

Como parte do patrimônio de manifestações populares mato-grossenses, o flore é ainda bastante preservado na comunidade de Barão, merecendo destaque:

O cururu- cultivado pelo caboclo é dançado apenas pelos homens, ao som da viola de cocho, do ganzá e do mocho, em uma roda constituída

pelos carurueiros que efetuam movimentos coreográficos enquanto tiram versos.

O siriri - de origem discutível, apresenta traços culturais africanos e indígenas. As canções falam do contexto cultural, dos cantadores e tiradores de siriri ao som do ganzá, viola e do mocho. Homens e mulheres participam da dança do siriri e aos pares cantam e batem palmas, ao mesmo tempo.

O boi-a-serra- a dança se concentra na figura de um boi bastante colorido-boi do Pantanal. Acompanham o boi as figuras lendárias da Mãe do Morro, Negrinho d'Água, Pé de Garrafa, Boi Tatatá e Ema, esta protetora do rebanho do Pantanal. Os instrumentos ficam por conta da viola de cocho, ganzá e do mocho.

Outras representações culturais das tradições melgacense, como: o artesanato, as crenças, a gastronomia, o linguajar, etc, merecem ser cultivadas e difundidas.

### **3.0- O futuro turístico de Barão de Melgaço e a valorização patrimonial**

Embora inúmeros problemas estruturais desafiem à valorização do ambiente através do turismo em nível global e local, lembramos que a favor do desenvolvimento turístico em Barão de Melgaço, está a sua excepcional potencialidade natural e cultural

O turismo de pesca e o esportivo, são práticas costumeiras nos rios e baías do Município, que precisam ser repensadas.

Cada vez mais se reconhece a necessidade de desenvolver outras práticas de turismo menos impactantes. Assim, o ecoturismo, é uma modalidade que pode ser desenvolvida em paralelo ao turismo rural, envolvendo a pesca esportiva e os esportes náuticos redimensionados.

O que diferencia o *ecoturismo* dos demais segmentos do turismo de natureza é a aplicação dos valores éticos; o comportamento do turista, o conceito de sustentabilidade com desenvolvimento e o aspecto educacional, afirma Ceballos-Lascuráin citado por Kinker (2002).

Assim, deve-se considerar no ecoturismo: a conservação do ambiente visitado, seja ele natural ou cultural; a consciência ambiental, através de práticas educativas continuadas, tanto do turista como da comunidade receptora com vistas no desenvolvimento local e regional integrados. Em Barão de Melgaço, uma gama de atrativos potenciais e iniciativas isoladas, propiciam esta modalidade. Lembramos que Passárgada, uma pousada nas margens do rio Piraim, pode ser



considerada como exemplo de empreendimento que se aproxima da proposta ecoturística no município.

Mostrando o rural pantaneiro complexo e vivo, com sua história, conflitos, lutas, riquezas e pobreza, mas, fazendo ressaltar no contexto de dificuldades o seu *patrimônio histórico e cultural*, o Município de Barão de Melgaço e as comunidades de entorno, poderão valorizar os seus bens patrimoniais e divulgá-los através de iniciativas turísticas diversas.

Lembramos que, estes temas precisam ser discutidos entre representantes de Organizações Governamentais, Organizações Não Governamentais, políticos, cientistas, educadores, empresários etc, com a imprescindível participação efetiva da comunidade local alertando para o compromisso social da atividade turística no contexto ambiental de seus bens patrimoniais.

## BIBLIOGRAFIA

AB' SABER, A. N. Notas de Palestra em Jornal. *Azis Ab' Saber revela se preocupar com o Pantanal*. A GAZETA. Cuiabá. 23/07/2002.

BARRETO, Cristina Patrimônio Histórico In: *Turismo e Cultura: a História e os atrativos regionais*. (org. Ana Beatriz R. Gonçalves e Claudete Boff) Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001. P. 99-104.

BARRETO, Margarita Turismo e Patrimônio: Meios ou Fins? In: . *I Jornada de Turismo, Meio Ambiente e Patrimônio Cultural* (Resumo do Seminário), São Paulo: ALEPH, 2001. p.103-106.

BORDEST, Suíse M. L.; MACEDO, Miramy; PRIANTE, Josita Correto *Matutando Turismo*. Cuiabá: EdUFMT. 1999.

ESPÍRITO SANTO, J. E. Iarô-Tata: O monstro de Chacororé Cuiabá: IHGMT. Publicações Avulsas n. 14-1998.

JUCÁ, Pedro Rocha *Barão de Melgaço, Exemplo de Cultura (2002)* In: Varanda Cuiabana (Memórias). Jornal Eletrônico, [prjuca@terra.com.br](mailto:prjuca@terra.com.br) Cuiabá12/05/2002.

KINKER, Sônia *Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais*. Campinas, SP: Papirus, 2002 ( Coleção Turismo).

KOTHER, Beatriz Patrimônio Histórico e Turismo In: *Turismo e Cultura: A História e os Atrativos Regionais*. Santo Ângelo, RS: Gráfica Venâncio Ayres, 2001.

MARINS, Rubens Virgílio; MONTEIRO, José Roberto Borges & SILVA, Vangil Pinto da *Limnologia de 4 lagos da região de Barão de Melgaço no Pantanal de Mato Grosso*. Cuiabá: Secretaria de Agricultura de MT/ SUDEP/UFSCar, 1979.

MONTEIRO DA SILVA, Ubaldo *Augusto Leverger (Barão de Melgaço)* In: Comemorativa aos 80 Anos de Fundação. Tomos CXLVII, Ano LXXI. Revista do IHGMT, 1999. p.51-55.

PENÃ, Maria de los Dolores J. Introdução. *I Jornada de Turismo, Meio Ambiente e Patrimônio Cultural* (Resumo do Seminário), São Paulo: ALEPH, 2001. p.9-13.